

Novo ensino, novo farmacêutico

■ Durante três dias, Coordenadores de Cursos de Farmácia debateram as mudanças previstas pelas Diretrizes Curriculares para os cursos de Farmácia e a qualidade do ensino.

Pelo jornalista Aloísio Brandão,
Editor desta revista.

Com o tema central “Qualidade de ensino em tempo de mudança”, o Conselho Federal de Farmácia, através de sua Comissão de Ensino, realizou mais um ENCONTRO NACIONAL DE COORDENADORES DE CURSOS DE FARMÁCIA. O evento, que aconteceu, de dez a 12 de maio, no auditório do Hotel Nacional, em Brasília, chegou à quinta edição cercado de expectativas, vez que teve por tema central justamente aquilo que é o coração do ensino farmacêutico nesses tempos de mudanças: a qualidade.

Do Encontro, pode-se apurar que, com todas as dificuldades, o processo de implantação das Diretrizes Curriculares, instituídas pelo Ministério da Educação, em 2002, está consolidado. O Presidente do CFF, Jaldo de Souza Santos, disse, ao abrir o evento, que os debates nele travados devem trazer alternativas para o aprofundamento das mudanças no ensino preconizadas pelas Diretrizes.

O Encontro Nacional de Coordenadores de Cursos de Farmácia é o principal fórum de discussões sobre as transformações previstas no ensino farmacêutico pelas Diretrizes, porque é o ponto de convergência do pensamento acadêmico sobre o ensino à luz das Diretrizes, que foram instituídas, depois de longos debates que se travaram nas edições da Conferência Nacional de Educação Farmacêutica, também, realizado pelo Conselho Federal de Farmácia.



FOTO: Kito Nascimento



V Encontro Nacional de Coordenadores de Cursos de Farmácia



Abertura do V Encontro de Coordenadores de Cursos de Farmácia. O Presidente do CFF, Jaldo de Souza Santos (centro), pede que debates encontrem alternativas para a implantação plena das mudanças no ensino

Foi, nas Conferências, que coordenadores de cursos, professores, estudantes, farmacêuticos e especialistas elaboraram e votaram uma proposta de Diretrizes Curriculares. A mesma foi aprovada pelo Conselho Nacional de Educação do Ministério da Educação, com alterações mínimas.

A proposta trazia exatamente o pensamento acadêmico no qual estava refletido o desejo de mudanças do modelo tecnicista de ensino em favor de algo mais atencioso às questões sociais e humanísticas, que aproximasse o acadêmico da sociedade.

TEMPO DE MUDANÇA – “Escolhemos este tema – *Qualidade de ensino em tempo de mudança* – como o central do Encontro, porque o ensino de Farmácia está mesmo em tempo de mudança”, argumenta a professora Magali Demoner, Pre-

sidente da Comissão de Ensino (Comensino) do CFF e Conselheira Federal de Farmácia pelo Espírito Santo. Ela acrescenta que os cursos de graduação de Farmácia, quer sejam públicos ou particulares, estão sendo sacudidos pelas transformações previstas pelas Diretrizes Curriculares.

É bem verdade que algumas universidades federais (seis ao total), ainda não as implantaram, plenamente. Os cursos particulares de Farmácia estão à frente nesse processo. Praticamente, todos eles já instituíram o novo modelo de ensino. Atualmente, há 274 cursos de Farmácia. Oitenta e três por centro deles (228) são particulares e o restante, públicas (federais e estaduais).

O V Encontro foi, sob todos os pontos de vista, muito positivo e demonstrou que as mudanças, se não aconteceram plenamente em

todos os cursos, estão em processo de implementação. Tanto que o evento já não mais se ateve à questão da implantação das Diretrizes, vez que este processo está concretizado, mas a outros desafios decorrentes de sua aplicação.

Por exemplo, qual a forma de se avaliar as competências estabelecidas pelas Diretrizes? De acordo com estas, há 31 competências específicas e cinco gerais no currículo farmacêutico, e três maneiras de avaliá-las: a diagnóstica, a formativa e por desempenho. A avaliação é um nó na cabeça de muitos.

A professora aposentada de Homeopatia da Faculdade de Farmácia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Zilamar Costa Fernandes e integrante da Comissão de Ensino do CFF, o aluno não pode mais ser avaliado exclusivamente pelo velho instrumento da prova, mas por um conjunto de itens que vai do comportamento à sua formação.

“Como avaliar, por exemplo, o censo crítico, a capacidade analítica, o poder reflexivo de um aluno?”, questiona Zilamar Fernandes, reconhecendo o grau de dificuldade da questão. Entretanto, lembrou que isso não significa abandonar a avaliação. Se não há uma fórmula pronta para avaliar (a avaliação é obrigatória), há subsídios para fazê-lo. E eles foram apresentados, como sugestão, durante o V Encontro.

Ao norte apontado pelas Diretrizes não se chega, impunemente. Mudanças são uma reviravolta que atemorizam uns, sacodem outros. Ainda assim, são necessárias, sob pena de o acomodado ficar em descompasso com a realidade que o cerca. Principalmente, quando



V Encontro Nacional de Coordenadores de Cursos de Farmácia

as mudanças não são uma opção, mas uma obrigação. Todos estão obrigados a mudar, segundo o que estabelecem as Diretrizes.

A palestra proferida pela professora Magali Demoner expressou claramente que mesmo que a maioria dos cursos implantou as Diretrizes, são necessários ajustes no ensino, com a inserção da realidade social e uma aprendizagem satisfatória, com desenvolvimento de conceitos para facilitar o processo de aquisição de conhecimentos.

O QUE DIZER DO PROFESSOR?

– E o professor, está mudando? Quando os debates realizados no V Encontro entraram para a seara do professor, as atenções dobraram-se. O professor Cloves Antônio Amíssis Amorim, da PUC (Pontifícia Universidade Católica) do Paraná, disse, em sua palestra “Adequação docente para as mudanças educacionais”, que o processo de mudança que sacode o ensino precisa atingir, em cheio, o professor. “É preciso que haja ajustes nas pessoas que promovem as mudanças, como também na abordagem e na forma de ensinar, de avaliar e na estrutura”, lembrou.

As observações animaram a professora Flávia Thiesen, Coordenadora do curso de Farmácia da PUC do Rio Grande do Sul. Aproveitou as palavras do colega paranaense, para salientar que o V Encontro tocou a todos. “O professor tem mesmo que superar a sua visão linear e se tornar mais participativo, para se fazer professor no cotidiano”, acrescentou Flávia Thiesen.

A prática, que, com o advento das Diretrizes, deve ser sustentada

por um complexo envolvendo Filosofia, Humanismo, capacidade de comunicação, senso crítico etc., foi abordada pela professora Maria das Graças Silva Mattêde, da Emescam (Escola Superior de Ciências da Santa Casa de Misericórdia de Vitória), no Espírito Santo, e pelo professor Marco Aurélio Dorneles, da UCS (Universidade de Caxias do Sul), no Rio Grande do Sul. Eles mostraram a necessidade de inovação na prática, dentro da Universidade.



Professora Maria das Graças Silva Mattêde, da Emescam: “É preciso inovar a prática”

Graça Mattêde citou a existência das “salas legais”, espaços multifuncionais consagrados à integração e interação entre alunos e a sociedade. Nas “salas legais”, o curso de Farmácia aproxima o acadêmico da empresa, da prefeitura, do hospital, das obras sociais, das organizações de bairro etc. Já Marco Aurélio Dorneles tratou das novas possibilidades de se desenvolver, nas aulas, a possibilidade da interdisciplinaridade com outros cursos como o Jornalismo, a Medicina, a Enfermagem, o Direito e outros.



Professor Orlando Pilati, representante do MEC, discorreu sobre instrumentos utilizados pelo órgão para avaliar os cursos

Os representantes do MEC (Ministério da Educação), Professores Celso Spada, também da Universidade Federal de Santa Catarina, e Orlando Pilati, falaram dos instrumentos utilizados pelo Ministério para avaliar os cursos. E deixaram claro aos coordenadores que, se acharem os seus critérios inadequados, que o MEC está aberto a sugestões e a mudanças.

FARMÁCIA-ESCOLA – Uma estrela dos debates, no Encontro, foi a Farmácia-escola. Os coordenadores a elegeram prioridade e querem implantá-la, em seus cursos, mas esbarram em dificuldades jurídicas, vez que são consideradas farmácias e devem, por isso, se submeter aos rigores normativos a que estão sujeitos os estabelecimentos farmacêuticos.

As Diretrizes não obrigam a sua criação, mas estabelecem a necessidade de implantação de laboratórios de referência. A professora Náira Villas Bôas Vidal de Oliveira, responsável pela Farmácia-escola da Faculdade de Farmácia da UFRJ (Universidade Federal do Rio de



V Encontro Nacional de Coordenadores de Cursos de Farmácia

Janeiro), discorreu, com brilhantismo, sobre a experiência positiva nesse sentido de sua instituição de ensino.

A UFRJ possui uma farmácia-escola, há 35 anos. Ela é fundamental para a formação dos alunos, além de atender à comunidade, inclusive o SUS (Sistema Único de Saúde). Tem supervisão docente permanente e atua sob o sistema de concessão de bolsa pela própria Universidade. “É preciso criar farmácias-escolas, em todo o País, superando, primeiramente, os problemas jurídicos”, pediu Naíra Villas Bôas.

OS TEMAS – O núcleo do V Encontro esteve expresso já em sua primeira palestra, “Qualidade de Ensino em tempo de mudança”, proferida pelo professor Orlando Pilati, Secretário do Departamento

de Supervisão do Ensino Superior do MEC e uma das maiores autoridades nacionais no assunto. A palestra, coordenada pelo professor Nilsen Carvalho de Oliveira Filho, deu bem o tom do que são as preocupações do CFF e do mundo acadêmico: a qualidade da educação farmacêutica.

TEMAS – O V Encontro teve as seguintes palestras:

• **Dia 10.05** – “Panorama organizacional dos cursos de Farmácia”, pela Presidente da Comensino, Magali Demoner Bermond, e coordenada pela professora Zilamar Fernandes, da Comensino; “Adequação docente para as mudanças educacionais”, a cargo do professor Cloves Antônio Amíssis Amorim, da PUC (Pontifícia Universidade Católica) do Paraná, e coordenada pelo professor Carlos

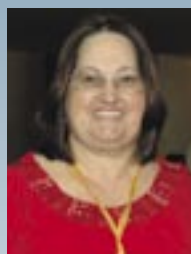
Cecy, também integrante da Comensino.

• **Dia 11.05** – “Inovações no processo educacional: técnica de interdisciplinaridade”, cujo debatedor foi o professor Marco Aurélio Dorneles, da UCS (Universidade de Caxias do Sul), no Rio Grande do Sul; “Cenário de práticas”, tendo por debatedora a professora Maria das Graças Silva Mattêde, da Emescam (Escola Superior de Ciências da Santa Casa de Misericórdia de Vitória), no Espírito Santo, e sob a coordenação do professor Ely Eduardo Saranz Camargo, membro da Comensino; “Desafios da avaliação e suas implicações no currículo integrador”, pela professora Zilamar Fernandes e coordenação da professora Magali Demoner.

Outras mesas redondas: “Formação e perfil dos avaliadores de cursos de Farmácia”, com debates dos professores Anselmo Gomes de Oliveira, da Unesp (Universidade Estadual Paulista) de Araraquara; Celso Spada, da UFSC (Universidade Federal de Santa Catarina) e Inep (Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira) do Ministério da Educação; e Fernanda Rafin, da UFRN (Universidade Federal do Rio Grande do Norte), com a coordenação do professor Carlos Cecy, da Comensino.

• **Dia 12.05** – “A importância da Farmácia-escola na prática profissional e no processo de ensino, pesquisa e extensão”, a ser proferida pela professora Naíra Villas Bôas Vidal de Oliveira, da UFRJ (Universidade Federal do Rio de Janeiro), sob a coordenação da professora Zilamar Fernandes.

A COMENSINO – O V Encontro Nacional de Coordenadores de Cursos de Farmácia foi realizado pelo CFF, através de sua Comissão de Ensino. Ela é composta pelos farmacêuticos professores de cursos de Farmácia Magali Demoner Bermond (ES), Ely Eduardo Saranz Camargo (SP), Nilsen Carvalho de Oliveira Filho (RN), que é, também, Vice-reitor da UFRN (Universidade Federal do Rio Grande do Norte); Carlos Cecy (PR) e Zilamar Costa Fernandes (RS).



Professora
Magali Demoner (ES)



Professor Ely Eduardo
Saranz Camargo (SP)



Professor Nilsen Carvalho
de Oliveira Filho (RN)



Professor
Carlos Cecy (PR)



Professora Zilamar
Costa Fernandes (RS)